



Ninja queimado no Bairro da Polana Caniço

# Insegurança em Maputo

## O massacre dos Ninjas

Crime

O Jornal Ilustrado  
[lx], 4-10 Out. 1991

«BP em cima» deixou de ser exclusivamente *slogan* da gasolinheira estampado nas ruas de Maputo, para se transformar em grito de guerra contra os ninjas, semidonos da noite nos bairros suburbanos, com descidas frequentes à zona do cimento. Aliás toda a cidade é subúrbio, já o disse e escreveu o Zé Craveirinha, poeta nascido na Mafalala, agora laureado com o Prémio Camões.

A terminologia foi arrancada aos filmes orientais, aqueles homens ginasticados, capazes de atacar, ferir e fugir sem serem atacados, nem feridos. Vai entrar nos dicionários de português como sinónimo de ladrão, bandido, saltador, terrorista e assassino, nas tintas para a polícia, que conseguem ludibriar e ser-lhes mais fortes.

O povo é que, confrontado com a ineficácia da polícia, não se esteve pelos ajustes. Não se sabe como, nem se sabe de que central partiu a ordem, começaram a ser queimados sem atender ao tamanho do desmando. Basta o grito de «agarra que é ninja», ou então, mais recentemente, «BP em cima».

*Eles transformam as noites de Maputo num inferno. Cansada de tanta insegurança, a população reaje com violência. E já só a polícia lhes vale...*

«BP em cima» é *slogan* publicitário da conhecida gasolinheira para se implantar no mercado local. Aparece em largas faixas na rua, nos jornais e na televisão, mas, agora, é também grito contra o ninja.

É voz corrente que entrou em acção uma nova telenovela intitulada «Ninjas no Maputo», patrocinada pela BP, Mabor General e Fosforeira de Moçambique, que é como quem diz, apanha-se o ninja, juntam-se pneus em torno, regam-se com gasolina, chega-se-lhe um fósforo e era uma vez um bandido.

### Recolher obrigatório

Não se trata, porém, de um fenómeno que tenha levado ao recolher obrigatório. Gente

chegada de Portugal afiança que leu em semanário de reputação firmada a entrada em vigor no Maputo do recolher obrigatório, recolher que nunca vigorou, nem sequer vigora na capital de Moçambique. Só que as façanhas do ninja, a correrem de boca em boca, empoladas aqui e ali, criaram um clima de receio e, sobretudo, nos subúrbios, o medo de sair à noite. Que já se saía muito pouco, não há transportes nocturnos, os espectáculos escasseiam, os divertimentos nocturnos são caros, o dinheiro é mais que pouco, e começa a trabalhar-se, cedo, pela manhã.

Parece, no entanto, que o levantamento popular organizado pelo sentimento de defesa contra uma ameaça difusa contribuiu para diminuir a criminalidade e levou marginais a

optarem pela transferência de cidade.

«Nada, não diminui. O ninja espera pelo fim do mês, quando as pessoas recebem, para voltar a atacar», diz um frequentador da noite, tu-cá-tu-lá com a marginalidade.

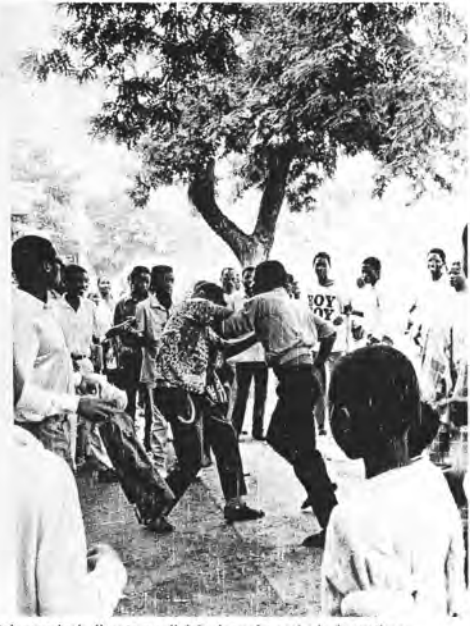
### Quem lhes vale é a polícia

Por ironia das coisas, quem lhes vale é a polícia, sempre que conseguem chegar a uma esquadra. Há dias, os agentes deslocaram-se ao bairro Polana-Caniço, para confrontar a população com quatro malfeitores que negavam actuar naquela zona. Uma operação de reconhecimento que se revelou fatal. A população em fúria arrancou-lhos das mãos, matou-os e queimou-os.

No dia 9, pela manhã, jardinava eu, tranquilamente, quando da casa contígua ouço o grito de «bandido, bandido», enquanto três jovens, sacos na mão, corriam pelo Jardim dos Continuadores, para se escapulirem pelas ruas da cidade. Os perseguidos tomam a direcção do Hospital Central, a cerca de 500 metros. São



Os populares já o tinham despido e ia ser queimado, mas apareceu a polícia para manter a ordem...



Dois marginais disputam a divisão do roubo acabado de praticar. O repórter fotográfico estava lá...



A luta entre a polícia e o Ninja



Dois Ninjas alvos pela polícia das mãos dos populares. A esquadra é o seu refúgio

divíduos foram mortos, no passado mês de Agosto.

Fontes com autoridade afirmam que o recrudescimento da criminalidade na província se deve a uma possível invasão por quadrilhas de ladrões armados que fogem à fúria popular na cidade do Maputo. O «*Jornal Notícias*», que se publica no Maputo, diz que os linchamentos na capital já fizeram 35 mortos. Imagine o leitor se se aplicasse este método aos ratoneiros do Metro de Lisboa, quantos 35 já não teriam entregue a alma ao Criador... sem necessidade de recolher obrigatório...

O «*Diário de Moçambique*», com sede na cidade da Beira, escreve que «outra acção da justiça popular, em Gaza, contra os ladrões de galinhas, patos e coelhos, é de injectar produtos nocivos nos olhos dos gatinhos, o que lhes provoca a cegueira». Leite condensado aplica-se, em Maputo, nos ovidos.

### As causas do fenómeno

Indagar das causas do fenómeno, em si mesmo, é um trabalho complexo, embora algumas delas sejam demasiado aparentes, mesmo gritantes, para serem silenciadas.

Maputo e o geral das cidades moçambicanas eram, até certo ponto, oásis, no vasto universo da criminalidade por esse mundo fora. Só que o desemprego campeia avassalador.

Há pouco chegaram muito para cima de 10 mil trabalhadores da RDA, consequência directa da reunificação, a maior parte deles ficaram-se pela capital, sem trabalho, nem meios de subsistência. Por outro lado, o próprio emprego, acaba por ser, na generalidade dos casos, um subemprego, já que o salário não chega, nem de perto nem de longe, para a vida quotidiana, sendo necessário inventar ou recriar esquemas. A própria polícia não escapa à regra: o polícia de giro não chega a ganhar 50 mil meticais — o preço de um par de sapatos.

Nem sempre recebe a tempo e horas. Já teve quatro meses de atraso e quanto aos retroactivos, resultantes de uma certa actualização dos vencimentos, há mais de seis meses que os não vê. Por isso, a corporação navega em clima propício ao suborno, ao não te rales, pouco apto a fomentar actos de valentia e risco.

Os salários da polícia reflectem, aliás, o panorama social do país. Não são excepção.

Augusto de Carvalho □ Maputo

apanhados e intervém a polícia do posto mais próximo, quando os populares já traziam pneus e gasolina. O método é o que é, presta-se aos maiores abusos, não ouve o suposto criminoso, não lhe reconhece direito de defesa, método que faz corar de vergonha e indignação qualquer código de direitos elaborado na mais rocôndita das cavernas. Acontece, porém, que o método é aprovado pela voz do povo e até os pensantes, livros na mão, lá bem no fundo, condenantes em nome das regras e do bom senso, conseguem verberar a conduta popular.

### Fuga para outras províncias

A prática estendeu-se, agora, a outras províncias: atingiu Gaza, no Sul do país, capital Xai-Xai, onde pelo menos cinco in-